



3 1761 06349222 7

AUGUSTO GIL

MUSA CERULA

PQ

9261

G5M8











AUGUSTO GIL

---

# MUSA CERULA



COIMBRA

LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DO EDITOR

MANUEL D'ALMEIDA CABRAL

165—R. Ferreira Borges—165

—  
1894.





*Meis can  
de bello*

AUGUSTO GIL

---

MUSA CERULA



COIMBRA

LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DO EDITOR

MANUEL D'ALMEIDA CABRAL

165—R. Ferreira Borges—165

—  
1894.



# MUSA CERULA

1891-93.

PQ  
9261  
G5M8



*Honorate l'altissimo poeta*

A JOÃO DE DEUS



. . . Quando lerdes  
Entendei que segundo o amor tiverdes  
Tereis o entendimento dos meus versos.

*Camões.*

O sentimentalismo constitue a Arte.

*Taine.*

Para fielmente contar o que sinceramente  
sente, não são necessarias ao poeta es-  
sas fórmulas novas que devem *rutilar de*  
*inauditismo*.

. . . . .  
Ao assenhorear-se d'ella sentiria sem  
duvida o embaraço de quem, para be-  
ber agua de um regato, n'uma sesta de  
verão, tivesse de usar um pesado ca-  
lice do seculo XVII, todo de oiro, cra-  
vejado de pedras, tirado de um museu  
de artes decorativas . . . . .

*Eça.*





Almas irmãs da minha, a vós dedico e offerto  
Este livro d'amor—meu coração aberto,  
Folhas soltas ao ar na alegre revoadada  
De pombas a fugir no azul d'uma alvorada.

Com ellas vejo ir pela amplitude calma  
Pedacos do meu sêr, pedacos da minh'alma:

E' tudo o que eu cantei de idyllico e olorante,  
Desde o ceruleo olhar da minha terna amante  
Até á coma edeal da minha sancta mãe,  
Alva como um lilaz, branca como a cecem.

Almas irmãs da minha, a vós dedico e offerto  
Este livro d'amor—meu coração aberto.



## Profissão de fé

Não vão pensar que a minha musa seja  
Alguma apparição allucinante  
De olhar azul e labios de cereja,  
Diadema d'oiro e espada flammejante.

A musa protectora d'estes versos  
Detesta a rima altiva dos pamphletos,  
Educa-me em principios bem diversos :  
—Lê-me Petrarcha, o mestre dos sonetos.

Não me ensina a cantar imprecações  
Contra as torpes gangrenas mundanaes,  
Inspira-me sómente estas canções  
Que vos fallam d'amor—e nada mais.

Apostolo do Bello e da Bondade,  
Ella anda a propagar por toda a parte,  
Ás almas aureareaes da mocidade,  
A nova religião chamada—Arte.

Consagra um culto fervoroso e santo  
Aos sentimentos bons, ás coisas mansas.  
Respeita a Dor nas lagrimas do pranto,  
Adora a Paz nos risos das creanças.

Por alta noite, quando a evoco e chamo,  
Segreda-me ao ouvido brandamente,  
Qual brisa leve a prepassar n'um ramo :  
*Traduḡ'em verso o que a tua alma sente.*

*Canta os sorrisos, canta as amarguras  
Dos teus vinte e dois annos incompletos.  
Faç' d'elles um collar d'estrophes puras,  
Faç' d'elles um rosario de sonetos.*

.....

.....

Já vêem, pois, que a minha musa é calma;  
E agora, se quizerem lêr sem pressa,  
Verão que em cada estrophe vae impressa  
Uma affecção diversa da minh'alma.



## A minha mãe

As illusões semelham-se a um collar  
De perolas alvissimas, de espuma.  
Se o fio que as segura se quebrar,  
Cahem no chão, dispersas, uma a uma.

Cahem no chão, dispersas, uma a uma,  
Se o fio que as segura se quebrar;  
Mas entre tantas sempre fica alguma,  
Sempre alguma suspensa ha de ficar,

D'as minhas illusões, dos meus affectos,  
Longo collar de amores predilectos,  
Muitos rolaram já no pó tambem.

Um só d'entre elles não cahirá jámais:  
Aquelle que eu mais préso entre os demais.  
—O teu amor sanctissimo de mãe.



## Impressões d'ella

### I

Os labios são dois imans de desejos.  
A bocca, então, é calix de venenos  
    Com infusão de beijos.  
Eu, se o mortal licor provasse ao menos  
    Alguma vez sómente,  
Envolto já nas sombras da agonia  
Ainda um beijo mais lhe pediria  
    —Para morrer contente...

## I I

A voz tem a dolente melopeia  
Que Dom Juan tirava á guitarrilha,  
A' luz da lua cheia  
Nas ruas de Sevilha;  
Tem os enervamentos do Falerno  
E a attracção da musica d'Orpheu;  
Se a ouvisse, o inferno  
—Tornava-se n'um ceu.

## I I I

Os olhos não são olhos, são punhaes.  
E tanto mais me fita, quanto mais  
Os crava no meu peito;  
Comtudo heide dizer-lhe:—«Oh minha amada  
Desfia-o, fibra a fibra, á punhalada  
Que morro satisfeito!»...

## O matrimonio

De banza a tiracollo e capa á trovador,  
Eu nunca fui cantar endeixas amorosas,  
Lyrismos de Romeu junto aos balcões em flor,  
Por sob o luar dormente e as nuvens vaporosas.

Tão pouco tenho a linha airosa, aristocrata,  
Da fina flor do tom, os dandys adamados  
Que andam pelos salões, monoculando, á cata  
D'um dote que lhes salve a pança de cuidados.

Tenho, como qualquer, a aspiração ideal  
D'uma noiva gentil, d'um ninho conjugal;  
Mas tudo se desfaz se penso um só momento

N'este quadro banal, depois do casamento:  
O sogro, a sogra, a esposa, um filho já taludo  
E eu, muito aborrecido... a olhar p'ra aquillo tudo.

## Dolorosa

Deitada sobre o esquife funerario  
E vista á chamma trémula dos cirios,  
Tinha a alvura das hostias do sacrario  
E a pallidez suavissima dos lirios.

No seu rosto gentil e sorridente  
Havia a languidez da pomba mansa.  
Parecia dormir serenamente,  
Immersa em vagos sonhos de creança.

Annos passaram desde que morreu;  
Comtudo vibra intensa no meu ser,  
A sensação do beijo que me deu  
Poucos momentos antes de morrer.

E julgo vel-a ainda á luz dos cirios,  
Deitada sobre o esquife funerario,  
Mais pallida que as petalas dos lirios,  
Mais branca do que as hostias do sacrario...

## Sonho de nupcias

Eu punha no teu labio a nota quente  
A musica vibrante dos desejos,  
Poisava-te no collo branco, ardente,  
O poema rendilhado dos meus beijos.

Ao intimo contacto d'esses beijos,  
Erguia-se em volutas de serpente  
A curva delicada, alvinitente,  
Das tuas fórmulas, tremulas de pejos.

Senti então, allucinado e mudo,  
O élo dos teus braços de velludo  
Cingir-me contra a carne feiticeira.

E sobre o veu de gaze delicado,  
Murchavam na capella do noivado  
Os albentes botões da laranjeira...



## Serenata

(A UMA VIZINHA)

Vae serena, desmaiada,  
Entornando luar no azul,  
A lua, taça quebrada  
Dos festins do rei de Thule.

As estrellas maceradas  
São como beijos de luz,  
Ou lagrimas condensadas  
Do martyrio de Jesus.

Serena como uma prece,  
Cariciosa como um ninho,  
A via-lactea parece  
Estrada feita de arminho.

Estrada feita de arminho  
E flocos alvinitentes,  
Que talvez seja o caminho  
Para a morada dos crentes.

Curvam-se os lirios abertos,  
Escutando o som da aragem,  
E os rouxinoes dão concertos  
Sob as folhas da ramagem.

Na atmospherá encantada  
Anda a vibrar soluçante  
A voz doce e requebrada  
D'um bandolim tremulante.

Oh dona de olhos sensuaes  
—Olha o luar tão bonito !  
Façamos os esponsaes  
Do nosso amor infinito.

Vamos vibrar os harpejos  
D'uma serenata louca.  
As notas, serão meus beijos  
E a guitarra... a tua bocca.



## A Alberto de Oliveira

(IMPRESSÃO DA BIBLIA DO SONHO)

Emquanto os outros vão, ao som das guitarradas,  
Capas a desfiar, batinas sem botões,  
Entre explosões joviaes de intensas gargalhadas,  
Cantando alegremente eroticas canções,

Elle despresa a vida, o riso, os corações  
E n'um mystico horror d'almas fanatisadas,  
Foge do mundo e vae, á busca de illusões,  
Em frageis bergantins de velas enfunadas.

Talento peregrino o seu ideal recorda  
Um extasis de monja em frente d'um altar,  
Á hora em que o sol morre e a lua meiga acorda.

E o seu verso dolente evoca dentro em mim:  
Ao longe, muito ao longe, á branca luz do luar,  
Os tremulantes sons d'ignoto bandolim . . .

## Perdularia

(A PIO CAVALHEIRO)

Passou junto de nós, pedindo esmola,  
Uma creança rota, magra, invalida.  
Deitaste-lhe dinheiro na sacola,  
Beijaste-lhe em seguida a face pallida.

Que feliz foi o pobre da sacola !  
O seu desejo era bem mais modesto.  
Podias dar-lhe unicamente a esmola  
E a mim—dares-me o resto. . .





## Em wagon

A chaminé vomita fumarada.  
A machina assobia: parto emfim.  
Na *gare*, ao longe, a minha namorada  
Agita o lenço branco para mim.

Como rectas traçadas a namkim,  
Sobre um fundo ceruleo de aguada,  
Vejo no espaço nitidas, assim,  
As linhas telegraphicas da estrada.

O sol, hostia de luz resplandecente,  
Vae-se elevando gloriosamente  
Na abobada vastissima dos ceus

E dois choupos batidos pelo vento  
Curvam-se n'um ligeiro cumprimento,  
Cerimoniosos, a dizer-me adeus...

## Blasphemia santa

Jurou-me eterno amor. A noite ia cahindo.  
E, entre outras phantasias,  
Eu disse-lhe sorrindo:

Se Deus surgisse agora, aqui, perante nós  
O que é que lhe dizias ?

—Que nos deixasse sós...



## A' sobre mesa

*Variação sobre um Thema de Heine*

(A EGAS MONIZ)

Na sala de jantar da baroneza  
A conversa cahira mollemente,  
E um creado esguio, sorridente,  
Trazia sobremeza.

Os commensaes fallavam sobre a vida.  
—Viver é ir morrendo lentamente—  
Dizia suspirando, em voz sentida,  
Um lyrico doente.

A vida, accrescentou, volvendo os olhos,  
Um bacharel vermelho, de melenas:

—E' um jardim de lirios e de abrolhos  
De cardos e verbenas...

Continuou depois solemnemente  
Um outro, litterato, de lunetas,  
Com fama de escriptor intelligente,  
Auctor de varias tretas:

—A vida é a viagem d'alguns dias:  
Uns seguem n'ella a estrada dos revezes,  
Outros a do prazer. As duas vias  
Encontram-se por vezes...

O barão quasi calvo, de olhar vago,  
Disse a sorrir, curvado na cadeira:  
—A vida é isto. E despejou d'um trago  
Um calix de Madeira.

Ao fundo, um par de jovens namorados  
Fazia brindes intimos de amor  
E a digestão punha nos convidados  
Um languído torpor.

Ouviu-se então, em voz de confidencia,  
Dizer á baroneza um titular:  
—Minha Senhora, creia-me Vocencia,  
A vida—é esse olhar...





## Carmen

Sobre as dobras rendadas da mantilha  
Brilham-te, como soes em pleno dia,  
Os olhos mais galantes de Sevilha  
Na fronte mais gentil d'Andaluzia.

A tua voz ao som da guitarrilha  
Tem vibrações extranhas d'harmonia.  
Ninguém canta melhor a seguidilha  
N'esse paiz do Amor e da Alegria.

Nas voltas caprichosas do *bolero*  
Não tens rival em graça e em *salero*  
Carmen gentil, oh flôr das hispanholas !

Tu fazes-me o effeito inebriante  
Dos vinhos de Xerez e de Alicante  
Quando bailas ao som das castanholas !

## Fervet amor

A conversa cahiu no casamento.  
E defronte de nós, n'esse momento,  
Noivava um par alegre de pardaes.

Ruborisada, attenta, olhaste os dois.  
Em que meditas? disse, e tu depois,  
Baixando o doce olhar—coraste mais.



## Cantares

(A RAMIRO DE FIGUEIREDO)

A triste viuvez tua,  
Criança de olhos suaves,  
Lembra-me as noites sem lua,  
Lembra-me os ninhos sem aves.

Tão bonita e sem amores,  
Á minha mente recordas  
Uma jarra sem ter flores  
Um bandolim sem ter cordas,

Oh meiga rôla sem par,  
Á phantasia revelas  
Uma barca em pleno mar  
Sem ter leme e sem ter velas.

Moreninha idolatrada  
Que o loiro Amor não seduz,  
És como estrella apagada  
És como um astro sem luz;

És como um cofre doirado  
Cheio de gemas d'Ophir,  
Por tal maneira fechado  
Que ninguém o possa abrir.

Oh virgem de negra coma,  
Oh minha doce gazella,  
És como flor sem aroma  
Como moldura sem tela,

Galathea que amo tanto,  
Meu amor, peccados meus,  
És um altar sem ter sancto  
—Um paraizo sem Deus!





## Senhor Doutor

Não ha quem endoide as moças  
Como os olhos d'um doutor.

*(Cantiga coimbrã).*

Houve na aldeia viva sensação  
Ao regressar o filho do morgado,  
Que fôra para Coimbra de calção  
E vinha agora bacharel formado.

Vae longe, olé, bradava o vozeirão  
Do abbade. E' só fazel-o deputado.  
E as moças entre si: Que rapagão!...  
...Doutor, tão novo... Deus seja louvado...

Chegou a casa e n'esse mesmo dia,  
Foi visitar radioso de alegria  
A filha da velhota que o creou.

E visitou-a tanto e tantas vezes  
Que quando decorreram nove mezes  
—O morgado da aldeia... era avô.

# Ritornello

(A ALBERTO REGO)

## I

O seu cabelo loiro  
E o perturbante olhar  
Dos grandes olhos pretos  
Serão a chave d'ouro  
Com que eu hei de fechar  
Um livro de sonetos.

## II

Posta a gravata branca  
E de casaca preta,  
N'uma attitude franca,  
Sem venias d'etiqueta,  
Ler-lhe-hei um dos sonetos  
Fechado a chave d'oiro  
Feito aos seus olhos pretos  
E ao seu cabello loiro.

## III

Á nobre cortezã  
Ha de mover, por certo,  
O extranho talisman  
Do livro que lhe offerto.  
Que p'ra inspirar amor  
A uns taes olhos pretos  
Não ha philtro melhor  
Que um livro de sonetos...

## Esboceto

(A PEREIRA BARATA)

Como uma semi-tinta de aguarella,  
Côa-se a luz, dulcissima, velada  
Atravez das persianas da janella,  
Sobre a pequena sala alcatifada.

N'um cavallete, apenas debuxada,  
A tons ceruleos, sobre larga tela,  
Uma marina calma, socegada,  
Com botes de pescar, vogando á vela.

Sobre a meza rodeada de cadeiras,  
Destaca, entre revistas estrangeiras,  
Um busto de mulher adolescente

E a brancura leitosa do teclado  
Põe no piano, entreaberto, ao lado,  
Um ar de monstro, arreganhando o dente...

## Consummatum est!

Amei-a muito, é certo. Amei-a com o louco  
E desvairado amor d'alguem que nunca amou.  
Por isso que a amei tanto é que a amei por tão pouco.

—Escusa de insistir. O meu amor findou.

Como um perfume leve que pelo ar se expande,  
Assim esta paixão ardente se evolou.  
Já nada resta agora d'esse amor tão grande.

—Escusa de insistir. O meu amor findou.

Hontem, ao lêr o meu bilhete quasi em branco,  
Laconico e conciso, dizem que chorou.

Talvez fosse cruel, mas creia que fui franco.

—Escusa de insistir. O meu amor findou.



# I

N'uma gaveta, entre papeis dispersos,  
Encontrei, por acaso, 'n'outro dia,  
    Os meus primeiros versos  
    Singellos de harmonia,  
Pobres de rima e cristallinos sons,  
Mas cheios d'uma doce ingenuidade,  
    Que os torna, na verdade,  
    Sympathicos e bons.

Minha sincera e dedicada amiga,  
Meu doce amor e minha aspiração,  
Como tributo de amisade antiga,  
    Deponho na tua mão,  
    Apenas retocadas,  
Estas simples estrophes desmaiadas,  
Para que vejas como os desenganos  
Mataram, dia a dia e hora a hora,  
As santas illusões dos meus quinze annos  
Que inutilmente invoco e chamo agora...

## II

### Oração

Outomno. Morre o dia.

Cae sobre as coisas placidas e calmas  
Um véo de sombra e de melancolia  
Que dulcifica e embrandece as almas.

Todo o meu sêr se invade  
De enervantes e mysticas doçuras,  
De mansidão, de paz, de suavidade,  
De sentimentos bons, de ideias puras.

No coração prepassa  
Uma piedade e compaixão serena  
Por todos os validos da desgraça,  
Por tudo quanto soffre e quanto pena:

Pelos pequenos entes  
Sem abrigo, sem lar e sem carinho,  
Que são como avesinhas innocentes  
Postas por mão cruel fóra do ninho;

Pelos encarcerados  
Que lançam, d'entre as grades da cadeia,  
Ao ar, á luz, aos montes afastados  
A vista afflictiva e de amarguras cheia;

Pelos que vão pedindo  
De porta em porta o pão de cada dia,  
Tristes, que sempre a morte olham sorrindo  
Porque ella unicamente os allivia;

Pelos que andam distantes  
Entre cruezas, fomes e perigos,  
Sentindo a nostalgia lancinante  
Da patria, da familia, dos amigos;

E n'uma emoção crente,  
N'uma fé viva, forte e bemfazeja,  
A Deus supplico fervorosamente  
Que os guie, que os soccorra, que os proteja.



## De longe

(N'UM BILHETE DE VISITA)

Eis o pedido simples que te indico,  
Se acaso o teu amor do meu partilha:  
Ama-me com o amor que eu te dedico  
E pensa em mim, como em ti penso, filha.





## Manhã no campo

Manhã no campo. O som, a luz, o aroma, a côr,  
Fundem-se alegremente em galas festivaes.  
A luz por todo o espaço, o aroma em cada flôr,  
O som na passarada, a côr nos vegetaes.

É toda a natureza um extasis d'amor.  
Por sob o céu, do tom das rosas ótomnaes,  
Concebe o lirio branco, a laranjeira em flôr,  
A abelha delicada, a pomba dos pombaes.

O vento sul dissipa as brumas do nascente,  
E, como tem chovido a primavera inteira,  
Vao quasi a transbordar o leito da ribeira.

O sol envolve o azul n'um longo beijo ardente  
E pelo espaço vão, em phantasiosas linhas,  
As bohemias d'além-mar, as meigas andorinhas . . .

## Adeus

Ha de lembrar-me sempre a immensa magua  
Que vi transparecer nos olhos teus  
Ceruleos, languescents, rasos de agua,  
Quando, poisando os labios sobre os meus,  
N'um demorado osculo celeste,  
Trememente e carinhosa me disseste  
Esta palavra:—Adeus!—

Afastei-me de ti e já distante  
Voltei-me para vêr-te inda uma vez  
Com o presentimento lancinante  
De que te não veria mais, talvez.  
Tornei-me então da lividez d'um monge,  
Quando vi alvejar nos dedos teus  
Um lenço branco repetindo ao longe:  
Adeus, adeus, adeus...



## Lyrica chinesa

### I

Lembra-me a hastea comprida  
Dos lyrios brancos em flôr,  
A elegancia apetecida  
Do seu corpo tentador.

### II

Da sua côr singular  
Dá uma ideia leve  
A pallidez do luar,  
Batendo um floco de neve.

## III

Nem o breu, nem o carvão,  
Nem a noite sem estrellas,  
Têm a densa escuridão  
Das suas tranças tão bellas.

## IV

A sua bocca, a sorrir,  
Quando mostra os alvos dentes,  
Lembra perolas d'Ophir  
Entre dois rubís fundentes.

## V

Das suas fallas suaves,  
Ao som commovente e lêdo,  
Cessam os cantos das aves  
E as folhas ficam de quêdo.

## VI

O seu meigo olhar luzente  
Nem sei bem o que revela...  
Lembra um lago azul, dormente,  
O dulcissimo olhar d'ella.

## VII

Da sua mão pequenina,  
Disse o imperador chinez:  
Dava o throno, o sceptro, a China,  
Pel-a beijar uma vez.

## VIII

Quanto ao pé—que perfeição!—  
Eu nem citarei mais factos:  
Cabem na palma da mão  
As fôrmas dos seus sapatos





## Perolas

(A ABILIO DA FONSECA)

Como os mergulhadores orientaes  
Que ao leito das ondinas vão roubar  
As perolas fulgentes, virginaes,  
Sondei o negro abysmo d'esse olhar.

No pelago vastissimo do mar  
Mergulham elles, muita vez em vão;  
Pois eu, mulher, roubei ao teu olhar  
—A perola sem par d'esta paixão...



## Ignotus

Ninguém sabia ao certo quem elle era,  
O bondoso pastor do presbyterio.  
A terra onde nasceu? D'onde viera?  
—Em vão se investigava tal mysterio.

Andava sempre só. Pelos caminhos  
Encontravam-n'o, á tarde, muitas vezes,  
Parado, a ouvir a musica dos ninhos  
Ou as joviaes canções dos camponezes.

O signal do seu livro de orações,  
Um dia que passava, absorto, a lêr,  
Cahiu perto d'um grupo d'aldeões.

Um velho ao apanhar-lh'o reparára:  
—Era um retrato antigo de mulher  
D'uma belleza peregrina e rara.

## Nec semper

São gêmeas a Verdade e a Belleza,  
Disse-me um grande sabio n'outro dia.  
Se elle te conhecesse, com certeza,  
Tamanha falsidade não diria.

Pois tu oh formosura incomparada  
A quem o meu amor ardente aspira,  
Sendo a propria Belleza humanisada,  
—És a synthesis viva da Mentira!



## Combate

Fazer versos delirantes  
Ao teu frio coração  
É como engastar diamantes  
N'um ad'reço de latão;

Comtudo meus versos são  
Tiros certos, constantes,  
Ao teu frio coração,  
Aos teus desdens provocantes,

N'esta singular batalha  
Não sei mesmo quem mais valha,  
Qual de nós seja a vencer.

N'esta campanha secreta  
Entre o amor d'um poeta  
—E o desdem d'uma mulher!



## Nostalgica

O amor é chamma enorme que allumia  
E nos consome e gasta o coração.  
Uma faúlha o ateia—a sympathia,  
Termina em labaredas—a paixão.

Tanto é maior a luz que elle irradia,  
Quanto intensa é depois a escuridão.  
A indifferença é como a cinza fria  
Que fica d'essa lenta combustão.

Senhora a quem amei perdidamente,  
Não me entristece o seu desdem mordente,  
Já nada me preocupa, nem me importa...

Porque, desde que vós me não amaes,  
O meu corpo doente não é mais  
—Que a tumba viva da minh'alma morta...

## Irmã da caridade

(A HENRIQUE GOES)

### I

Muitos, ao vel-a, estacam deslumbrados,  
Ficam como suspensos d'esse olhar  
Mais tímido que os olhos dos veados,  
Mais cándido que os raios do luar.

Indifferente á própria formosura  
Segue, porém, impávida, serena,  
De habito negro como a noite escura  
E touca branca como uma açucena.

A linha esculptural do seu perfil  
É d'uma correcção incomparavel.  
É alta, aristocratica, gentil,  
De brandos gestos e maneira affavel.

E a Rubens, a Murillo, a Ticiano  
Excederia certamente em gloria  
Algum pintor que modelasse o arcano  
Do seu busto de virgem merencoria.

## II

É fria como a neve sobre o polo  
E pura como uma alma de creança.  
Olha uma rocha como olha um collo;  
E-lhe estranha a tormenta ou a bonança.

Nem lhe estremece o labio virginal  
Ao beijar a nudeza de Jesus,  
O grande martyr, sonhador ideal  
Que expira mansamente n'uma cruz.

Quando morrer na cela do mosteiro,  
Á cova n'um esquife hão de leval-a;  
Serão então os braços do coveiro  
—Ultimos e primeiros a abraçal-a...



## Abril

Enorme, arredondado, reluzente,  
Como se fôra um olho de Titan,  
O sol no azul olhava fixamente  
A natureza lubrica, pagã.

E á luminosidade transparente  
Do céu avelludado da manhã,  
Um melro ia cantando alegremente  
Uma canção brejeira e folgazã.

Nuens de fumo tenues, vaporosas,  
Evolavam-se em fôrmas caprichosas  
Das chaminés esguias dos casaes.

E em choreação festiva, galhofeira,  
Ouvia-se nas bandas da ribeira  
Um concertante alegre de pardaes. . .



## Aldeã

Podem dizer talvez que ella não tem  
As fórmãs peregrinas, delicadas,  
Das cortezãs de peito de cecem  
Que vão á noite aos bailes, decotadas.

Podem dizer talvez, e dizem bem,  
Que ás suas faces tumidas, rosadas,  
Falta a côr macilenta que convém  
Ás virgens dos sonetos e balladas.

Á elegancia doente e vaporosa  
Eu prefiro, comtudo, a fôrma airosa  
Do seu corpo gentil de mulher sã;

Por isso adoro e préso mais que tudo  
Os seus olhos dolentes de velludo,  
Os seus labios vermelhos de romã.

# Amor omnia vincit

(A GARCIA MARQUES)

## I

O amor não se confrange,

O amor não se combate.

É como a luz do sol que tudo abrange,

É como um raio audaz que tudo abate;

É como em terra fecundante a flôr,

Viceja e medra, embora se não trate.

Não se confrange o amor,

O amor não se combate.

## I I

O amor não se commenta,

O amor não se discute.

Embalde imploro á minh'alma sedenta

Que me oiça, que me attenda, que me escute.

Em vão busco acalmar o louco ardor

D'esta paixão lethal que me atormenta.

Não se discute.o amor,

O amor não se commenta.

## A uns annos

Se eu fosse rei, Senhora, n'este dia  
O pagem mais gentil da minha côrte,  
Como tributo d'amisade, iria  
A esses pés miniaturaes depôr-te

Um brinde sem rival, d'alta valia;  
Mas sabes bem que não sou rei. De sorte  
Que não pode ir, como eu desejaria,  
O pagem mais gentil da minha côrte

Offerendar-te joias de valia.  
Em vez do brinde, mando todavia  
Um ramo de lilazes e cecens.

E pelo pagem loiro, alvinitente,  
Mando, Senhora minha, unicamente  
Este soneto a dar-te os parabens.

## Struggle for life

(A ALBERTO SILVA)

«Luctar, luctar!» dizeis-me vós. «A lucta  
É inherente á propria natureza»,  
Mas qual é a victoria absoluta  
N'esta guerra sem treguas, sempre accesa!

Hája quem venha á barra, quem discuta  
E me combata e dome esta incerteza.  
Sinto a minha alma inerme, irresoluta,  
Cheia de abatimento e de fraqueza,

Eu luctaria com denodo, sim,  
Se á lucta visse um terminus, um fim;  
Mas qual de vós que ha tanto batalhaes

Com animo valente e sanha viva,  
Poude alcançar ou conseguir jámais  
A victoria final — a decisiva?



## Ponto final

(N'UM ALBUM)

Pediste-me um soneto delicado,  
Exquisito, gentil, galanteador,  
Feito com versos d'ouro e cravejado  
Com rimas de finissimo lavor.

Ora eu, confesso aqui o meu peccado,  
Nunca tive feição de trovador,  
Acho o lyrismo d'album requintado,  
Banal, elogioso, sem valor.

Aqui me tens; jámais falto ás promessas.  
Exijo, pois, de ti que não esqueças,  
Em troca, filha, este pedido meu:

Que para ennobreceres o soneto,  
Venhas fechar o ultimo tercetto  
—Com o ponto final d'um beijo teu.

## El punto final

(TRAD. DE JOSÉ DE SILES)

Pedisteme un soneto delicado,  
exquisito, gentil, galanteador,  
hecho con versos de oro, y cincelado  
con rima de finissima labor.

Ahora bien, yo confieso mi pecado;  
nunca tuve afición de trovador,  
y detesto al poeta almibarado  
que en albums habla de banal amor.

Cedo, no obstante. Pero, no te azores  
si pretendo de ti que colabores,  
y que en premio al trabajo que rehuyo,

para que algún valor tenga el soneto,  
te dignes terminar este terceto...  
con el punto final de un beso tuyo.

## INDICE

### MUSA CERULA

Dedicatoria .....	Pag.	9
Profissão de fé .....	»	11
A minha mãe .....	»	15
Impressões d'ella .....	»	17
O matrimonio .....	»	19
Dolorosa .....	»	21
Sonho de nupcias .....	»	23
Serenata .....	»	25
A Alberto de Oliveira .....	»	29
Perdularia .....	»	31
Em wagon .....	»	33
Blasphemia santa .....	»	35
A' sobremesa .....	»	37
Carmen .....	»	41
Fervet amor .....	»	43
Cantares .....	»	45
Senhor Doutor .....	»	49
Ritornello .....	»	51
Es boceto .....	»	53
Consummatus est .....	»	55
I — .....	»	57
II—Oração .....	»	59
De longe .....	»	63
Manhã no campo .....	»	65

Adeus .....	»	67
Lýrica chineza .....	»	69
Pérolas .....	»	73
Ignotus .....	»	75
Nec semper .....	»	77
Combate .....	»	79
Nostalgica .....	»	81
Irmã de caridade .....	»	83
Abril .....	»	87
Aldeã .....	»	89
Amor omnia vincit .....	»	91
A uns annos .....	»	93
Struggle for life .....	»	95
Ponto final .....	»	97
El punto final .....	»	99

Acabou  
de imprimir-se este volume  
aos 6 de abril de mil oitocentos e noventa  
e quatro  
na typographia de  
José Joaquim dos Reis Leitão,  
Rua do Norte, 6  
Coimbra.













PQ  
9261  
G5M8

Gil, Augusto  
Musa cerula

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

